

CRAIG MURRAY

# Diplomacia suja

*As conturbadas aventuras de um embaixador bebereão, mulherengo e caçador de ditadores que, sem um pinga de arrependimento, se viu encalacrado na linha de frente da Guerra contra o Terror*

Tradução

Berilo Vargas

Copyright © 2006 by Craig Murray

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Dirty diplomacy — The rough-and-tumble adventures of a scotch-drinking, skirt-chasing, dictator-busting and thoroughly unrepentant ambassador stuck on the frontline of the war against terror

*Capa*

Alan Dye

*Foto de capa*

Studio MPM/ Getty Images

*Preparação*

Lucila Lombardi

*Revisão*

Huendel Viana

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Murray, Craig

Diplomacia suja – As conturbadas aventuras de um embaixador beberão, mulherengo e caçador de ditadores que, sem um pinga de arrependimento, se viu enclacrado na linha de frente da Guerra contra o Terror / Craig Murray; tradução Berilo Vargas — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Dirty diplomacy – The rough-and-tumble adventures of a scotch-drinking, skirt-chasing, dictator-busting and thoroughly unrepentant ambassador stuck on the frontline of the war against terror

ISBN 978-85-359-1685-0

1. Corrupção política - Uzbequistão 2. Despotismo - Uzbequistão 3. Embaixadores - Grã-Bretanha - Biografia 4. Grã-Bretanha - Relações exteriores - Uzbequistão 5. Karimov, I. A. , 1938 - 6. Murray, Craig, 1958- 7. Uzbequistão - Relações exteriores - Grã-Bretanha I. Título.

10-04943

CDD-327.2092

---

Índice para catálogo sistemático:

I. Embaixadores : Grã-Bretanha : Biografia

327.2092

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br



*dup -taxed prev*

Kenneth L. Lay  
Chairman and  
Chief Executive Officer

Enron Corp.  
P. O. Box 1188  
Houston, TX 77251-1188  
(713) 853-6773  
Fax (713) 853-6311

April 3, 1997

Via Fax: 512/463-1849

The Honorable George W. Bush  
Governor of the State of Texas  
PO Box 12428  
Austin, Texas

*George*  
Dear Governor Bush:

GOVERNOR'S OFFICE RECEIVED  APR 11 1997  ROUTE TO: _____ CC TO: _____
---

You will be meeting with Ambassador Sadyq Safaev, Uzbekistan's Ambassador to the United States on April 8th. Ambassador Safaev has been Foreign Minister and the senior advisor to President Karimov before assuming his nation's most significant foreign responsibility.

Enron has established an office in Tashkent and we are negotiating a \$2 billion joint venture with Neftegaz of Uzbekistan, and Gazprom of Russia to develop Uzbekistan's natural gas and transport it to markets in Europe, Kazakhstan, and Turkey. This project can bring significant economic opportunities to Texas, as well as Uzbekistan. The political benefits to the United States and to Uzbekistan are important to that entire region.

Ambassador Safaev is one of the most effective of the Washington Corps of Ambassadors, a man who has the attention of his president, and a person who works daily to bring our countries together. For all these reasons, I am delighted that the two of you are meeting.

I know you and Ambassador Safaev will have a productive meeting which will result in a friendship between Texas and Uzbekistan.

Sincerely,

*Ken*

Natural gas. Electricity. Endless possibilities.

04-01-97

act 0364

# Sumário

Mapa .....	14
Prefácio .....	15
1. Despertar .....	19
2. Instruções .....	34
3. De Londres a Tashkent .....	44
4. Diplomacia .....	71
5. O vale do Ferghana .....	104
6. “Um verdadeiro gentleman britânico” .....	124
7. Um grito de liberdade .....	141
8. A embaixada .....	161
9. Feliz Natal, a guerra vem aí .....	186
10. Ferro na alma .....	214
11. Assassinato em Samarcanda .....	245
12. <i>Pinafore</i> , Battlefield e taco de beisebol .....	274
13. Amor em clima quente .....	296
14. O bater do martelo .....	321
15. Um passo adiante .....	338

16. Os sonhos que tenhamos .....	367
17. Tashkent de novo .....	385
18. Mais uma tentativa .....	413
19. A última batalha .....	432
 Notas.....	 449
Bibliografia selecionada .....	461
Índice remissivo.....	465



# 1. Despertar

Chris parecia surpreso.

“Está bem, vamos lá” não era a reação típica de um embaixador britânico à notícia de que o julgamento de um dissidente ia começar. O Land Rover encostou na porta da embaixada e eu saltei, ainda me sentindo desconfortável com o fato de as pessoas me chamarem de “sir”, abrirem as portas para mim e pararem de conversar quando eu passava.

Chegamos ao tribunal, cuja pequena entrada passava por uma parede de barro pouco atraente e conduzia a um pátio sujo, contendo diversos prédios brancos achaparrados. Como muitas construções soviéticas, parecia inacabado. Para entrar no pátio tivemos de mostrar os passaportes a dois policiais sentados a uma mesa diante do portão. Eles levaram séculos para anotar detalhes com um lápis mastigado num velho livro-razão. Com o tempo eu descobriria que a ocultação de uma terrível crueldade atrás de uma fachada familiar era um tema recorrente no Uzbequistão.

Cerca de cem pessoas espalhavam-se pelo pátio, à espera de que os vários julgamentos começassem. Fui apresentado a diversos

indivíduos mais ou menos maltrapilhos que representavam organizações de direitos humanos. Suas roupas eram excêntricas mesmo no caleidoscópio étnico e social de Tashkent, indo da lã axadrezada e dos suéteres aparentemente feitos, e malfeitos, de fios de meias velhas às espalhafatosas bermudas de praia com óculos de grife falsificados. Estranhamente, as sete ou oito pessoas que conheci pareciam pertencer a sete ou oito organizações diferentes, e quase ninguém falava com ninguém.

Um homem baixo, mas de aparência elegante, com cabelos brancos e grandes óculos negros, tinha um ar tão importante que não falava com absolutamente ninguém. Chris, ocupado com as apresentações, indicou-o e disse. “É Mikhail Ardzinov — ele quer que você se dirija a ele.” Fiquei confuso, pois decidir quem falava com quem envolvia dar cerca de oito passos pelo pátio. Chris explicou que Ardzinov sentia-se muito importante porque seu grupo era o único *registrado*, e portanto o único legal. Os outros eram todos ilegais. Peculiarmente, o grupo registrado de Ardzinov chamava-se Organização de Direitos Humanos *Independente* do Uzbequistão. Nada disso tinha importância para mim, naquele momento, e eu certamente não era embaixador há tempo suficiente para sentir meu orgulho ferido por dar oito passos, portanto fui em frente e apertei a mão do sujeito. Em troca do esforço, recebi um olhar longo e frio.

Mas mesmo num primeiro encontro, algumas dessas pessoas não podiam deixar de impressionar. Um senhor tinha sido professor primário até ser expulso do emprego por recusar-se a ensinar cegamente o que estava nos livros do presidente. Ele agora acompanhava o julgamento de dissidentes, em geral aqueles que mereciam menos atenção da imprensa e eram realizados nos lugares mais obscuros. Dava-se ao trabalho de documentá-los penosamente, à mão, e enviar informações detalhadas para organizações internacionais. Perguntei-lhe como vivia, e ele disse que vivia prin-



principalmente da bondade alheia. A julgar por suas roupas, pela face esquelética e pelo parco esqueleto, essa bondade era artigo escasso. Perguntei-lhe se corria o risco de ser preso. Ele disse que estivera “apenas” quatro meses sob custódia nos últimos três anos. Um rubor pouco saudável passou-lhe pela face e seus olhos alternavam entre o piscar normal de cumplicidade e clarões de verdadeiro ódio. Eram inesquecíveis, mas não foram esses os olhos que vi aquele dia e ainda hoje me perseguem.

Nem os de Dilobar. Por mais adorável que fosse, acho que não consigo me lembrar dos olhos dela. Mas os meus desviavam-se durante a conversa para seguir sua figura cheia, mas graciosa, vestida de azul, enquanto ela permanecia debaixo de um toldo de telha ondulada à minha esquerda, alta e notável num grupo de mulheres idosas com seus vestidos floridos, suas jaquetas de veludo e seus *hijabs* — os coloridos véus muçulmanos que no Uzbequistão cobrem o cabelo mas deixam o rosto à mostra. Seus finos cabelos negros caíam-lhe longos e soltos pelas costas. O vestido de algodão cobria-a inteira, até o pescoço e os pulsos, e era de um azul leve e flutuante, apesar de apertado na cintura fina.

Chris trouxe-a para perto de mim e apresentou-a como Dilobar Khuderbainova. Alguma coisa martelava incessantemente em meus sentidos embotados. O que havia de errado? Khuderbainova... Ah, era a irmã da vítima daquele julgamento de fachada. Sim, tinha os olhos cheios de lágrimas. O irmão seria executado, e eu espiava suas pernas através do vestido. Desprezava-me a mim mesmo.

Ela disse, com grande dignidade, que seu irmão era um homem bom, e que toda a família se lembraria de mim por eu ter comparecido. Agradei e estendi-lhe a mão. Outro erro. As mulheres muçulmanas não trocam apertos de mão com homens que não conhecem. Por um momento, ela ficou desconcertada, mas estendeu a mão e agarrou a minha com firmeza, e um sorriso quase lhe

perturbou os lábios. Eu pensei em dizer “não se preocupe” e prometer ajudar, mas, realisticamente, o que eu poderia fazer? E, se não podia fazer nada, por que estava ali?

Chris me olhava com curiosidade.

“Um pouco quente demais”, disse eu, e fui me sentar debaixo de uma árvore para pensar. O desprezo momentâneo que senti por mim mesmo transformou-se em raiva genuína de um sistema que torturava milhares e executava centenas, e dos meus colegas diplomatas, que aceitavam aquilo sossegadamente.

Esperamos duas horas, no calor, pelo início do julgamento. Fazia 43 graus à sombra naquele dia, e não havia muita sombra no pátio. De repente, as coisas começaram a acontecer quando passamos por uma porta que conduzia diretamente a escadas para o subsolo. A atmosfera mudou completamente. Cerca de uma dúzia de paramilitares — forças do Ministério do Interior — enfileiravam-se na curta escada, em uniformes cinzentos de camuflagem, armados com metralhadoras. A passagem era tão apertada que houve uma tensa disputa. Faltavam uns três degraus quando um dos milicianos, sem motivo aparente, me puxou para trás pelo braço. Eu me soltei. Dando uma volta, agarrei-o pela garganta e empurrei-o contra a parede (a modéstia me obriga a dizer que era um miliciano pequenino). Explodi inutilmente em inglês: “Não encoste em mim, não encoste em mim”.

Fez-se silêncio, e todo mundo parecia perplexo. Acho que o miliciano não sabia quem eu era, mas evidentemente eu era um estrangeiro, talvez alguém que não se pudesse abater com um tiro. Aquelas pessoas empurravam as outras a vida inteira, e ninguém jamais reagia empurrando-as de volta. Meu pequenino miliciano deu uma risada nervosa, e as conversas foram retomadas. Dirigimo-nos à sala do tribunal, como se nada tivesse acontecido.

A atmosfera no pátio tinha sido de apreensão, mas também de resignação. Agora era só tensão. Os seis prisioneiros já estavam no

“banco dos réus”. Tratava-se de uma jaula, construída aparentemente de vigas de ferro soldadas, não de forma linear, mas firmemente — muitas vigas. A jaula fora pintada de branco ali mesmo, com demãos de tinta tão espessas que escorreram em espiral pelos sulcos das vigas, endurecendo em bolhas. O piso de concreto em volta da jaula ficara todo manchado. Dois cadeados enormes mantinham a porta trancada. Catorze milicianos bem armados guardavam a jaula em pé, ombro a ombro. Os seis acusados agachavam-se lá dentro, no que pareciam dois baixos bancos de escola, sendo que em cada um deles não havia espaço para acomodar três homens.

Os parentes tentavam passar pelos guardas para dizer algumas palavras de estímulo. Os acusados mal se dignavam a virar a cabeça, apesar de alguns esboçarem um pálido sorriso. Estavam todos abatidos, de barba feita e cabelo tosado. Cinco pareciam de meia-idade e, pelas rugas na pele, ter tido mais carne. Os cabelos embranqueciam. O sexto, Khuderbegainov, parecia um adolescente (tinha 22 anos). Tossia de vez em quando e lançava rápidos olhares furtivos em torno da sala, em contraste com o desinteresse dos outros. Estava muito magro.

Dos seis, três já tinham estado na prisão por cerca de dois anos. As acusações eram múltiplas, mas os seis, em diferentes combinações, eram acusados de crimes diferentes. Por exemplo, três eram acusados de assaltar um joalheiro à mão armada, quatro de assassinar dois policiais. Todos eram acusados de tentar derrubar o governo e de violar a constituição.

Aquele julgamento pertencia a uma série de julgamentos de ativistas muçulmanos no Uzbequistão. Eu já estava de posse de algumas estatísticas — a Human Rights Watch afirmava que havia cerca de 7 mil prisioneiros políticos ou religiosos. Eu ouvira falar em tortura, mas não tinha informações mais detalhadas. Em três semanas no Foreign and Commonwealth Office [FCO, Ministério do Exterior britânico] e em outras sessões de instruções que me

foram passadas pelo governo do Reino Unido antes de eu assumir o posto, praticamente não houve menção a direitos humanos, e não se falou em tortura. As instruções que recebi davam ênfase, acima de tudo, aos procedimentos administrativos internos do FCO, ao apoio do Uzbequistão na Guerra contra o Terror e, em terceiro lugar, ao potencial econômico e comercial da Ásia Central em hidrocarbonetos, ouro, algodão e agroindústria. Eu seria capaz de escrever uma dissertação sobre as possibilidades de construção de oleodutos para hidrocarbonetos na Ásia Central, mas nada me preparara para a realidade da “Guerra contra o Terror” com que eu logo me defrontaria.

No pátio, eu conhecera um jovem chamado Ole, da Human Rights Watch, que me permitiu usar os serviços de seu intérprete uzbeque no tribunal. Ele me forneceu algumas informações básicas que conferi posteriormente. Dois dos acusados de assassinato na realidade já estavam na cadeia na época do crime, cumprindo pena por “extremismo religioso”. E mais de dez pessoas além delas já tinham sido condenadas por esses mesmos assassinatos. Não havia indício algum de que elas tivessem participado de conspiração, ou sequer de que se conhecessem entre si, ou de que os assassinatos tivessem sido cometidos por uma multidão. A tática simples do governo uzbeque consistia em usar um crime verdadeiro (dois policiais tinham sido assassinados, sem dúvida alguma) para prender muita gente da oposição. E essas pessoas, é claro, não seriam relacionadas como prisioneiros políticos, mas como criminosos comuns, assassinos, estupradores, ou qualquer outra classificação. Naquele ano — 2002 — cerca de 220 prisioneiros foram oficialmente executados no Uzbequistão, além dos que morreram sob custódia da polícia ou dos serviços de segurança, na prisão, ou simplesmente “desapareceram”.

Na sala do tribunal fazia um calor sufocante. Senti o suor escorrer por baixo da camisa. O juiz era moreno e robusto, cabelo

frouxamente penteado para trás, de calça preta e camisa branca apertada na barriga. Abriu a sessão com um discurso prolixo de censura aos prisioneiros por fazerem o tribunal desperdiçar seu precioso tempo.

O joalheiro que fora vítima do assalto à mão armada disse que três dos homens, usando capuz de malha, o amarraram e seguraram, roubando-lhe uma quantia de dinheiro estranhamente alta. Tinham feito disparos de pistola contra ele, mas erraram os tiros. Um advogado de defesa lhe perguntou por que não se encontrou nenhuma bala ou buraco de bala no lugar. O joalheiro disse imaginar, um tanto sem jeito, que as balas tinham saído pela janela. Como ele supostamente estava amarrado e imobilizado no chão naquele momento, os réus com certeza eram péssimos atiradores. O advogado de defesa tirava partido disso.

O juiz recusava-se, ostensivamente, a escutar quando o advogado de defesa falava, cortando as unhas com sua faca ou conversando com o relator, que por sua vez parava de escrever sempre que a defesa dizia alguma coisa. Mas de alguma forma deve ter entrado na cabeça dura do juiz a verdade de que sua testemunha de acusação não se saía muito bem. Ele interrompeu o advogado de defesa com uma dura repreensão, e mandou os réus se levantarem.

Dirigiu-lhes outra arenga, dizendo que representavam o mal na sociedade. Eram ladrões e assassinos que tentavam minar a independência e a democracia do Uzbequistão. A lista de crimes que cometeram era longa e seria melhor que reconhecessem a culpa. Concluiu dizendo que estava espantado de ver que tinham tido tempo de cometer tantos crimes, se eram obrigados a parar o que estavam fazendo cinco vezes por dia para orar. Estava claro que, para ele, aquilo era uma piada hilariante, e dava gargalhadas, como aliás o fizeram o promotor, o relator e vários outros colegas de panelinha. Mas notei que alguns milicianos cerraram os olhos. Mais tarde ele voltou a se divertir imensamente interrompendo um acu-

sado: “Acho que ninguém conseguiria escutá-lo através dessa sua longa barba muçulmana”, disse o juiz. “Vi que o pessoal da prisão raspou-a para você!” Por diversas vezes mandou a defesa calar a boca e parar de desperdiçar o tempo dele.<sup>1</sup>

Pediram ao joalheiro que identificasse, entre os seis homens, os três que o tinham roubado. Ele olhou sem muita convicção para os réus — era evidente que não tinha a menor ideia. Pressionado pela defesa, acabou identificando os três homens errados. Aquilo enfureceu o juiz.

“Você está enganado, seu velho idiota!”, berrou ele.

O juiz leu os nomes dos três acusados daquele crime específico, e pediu-lhes que se levantassem.

“Os homens são esses?”, perguntou ao aterrorizado joalheiro, que concordou gaguejando.

“Registre-se que foram positivamente identificados pela vítima”, disse o juiz.

Aquilo era pura farsa, mas tive de me apegar de novo à terrível realidade por trás da farsa. Os seis homens nervosos iam ser executados. A família não seria informada da execução, portanto, durante meses, não saberia se seus entes queridos estavam mortos, achando que talvez estivessem mortos quando na realidade ainda padeciam, ou talvez estivessem vivos, quando já apodreciam. Era uma crueldade deliberadamente requintada — herança dos soviéticos — o fato de que, quando enfim fosse informada de sua morte, a família seria obrigada a pagar pelas balas que os mataram.

Naquele momento fui capturado pelos olhos que eu jamais esqueceria — os olhos de Khuderbegainov. Ele me vira na multidão, um ocidental de terno, deslocado no espaço e no tempo. Quem era eu? Talvez essa estranha aparição trouxesse algum tipo de esperança. Talvez o Ocidente fizesse alguma coisa. *Afinal, ele talvez não fosse morrer.* O homem que se afogava vira de relance um talo fluando na superfície. Seus olhos pequenos, escuros, intensos,

cheios da esperança dos desesperados, penetraram os meus. Ele me exortava, com todas as fibras silenciosas do seu ser, que fizesse alguma coisa. Devolvi o olhar. Não sei fazer telepatia, mas fitei-o tentando dizer, só com os olhos: “Vou tentar, juro por Deus, vou tentar”. Ele sorriu e acenou com a cabeça, em sinal de confiança compartilhada, depois afastou os olhos.

Outra vez fui tomado por uma onda de desprezo por mim mesmo: *Que faço aqui? Que direito tenho de dar falsas esperanças? Não seria isso mais uma crueldade?*

Mas a dúvida momentânea foi substituída por uma resolução férrea — eu ajudaria; trabalharia incansavelmente para acabar com aquele horror no Uzbequistão. Não passaria três anos jogando golfe e frequentando coquetéis. Não pactuaria com mentiras políticas, nem permitiria que a verdade continuasse oculta. A próxima fase do julgamento cristalizou essa resolução, como um catalisador que se acrescenta à resina de epóxi.

Um senhor de idade foi conduzido até o banco das testemunhas. Tinha uma pequena barba branca e escassos cabelos brancos, usava um solidéu preto laqueado e uma bata marrom acolchoada. Tremia de medo. Um dos réus era seu sobrinho. Foi lida uma declaração de sua autoria na qual ele confirmava que o sobrinho era terrorista, que mandava dinheiro roubado para Osama bin Laden, e que fora ao Afeganistão encontrar-se com ele.

“Esta declaração é sua?”, perguntou o promotor.

“Mas não é verdade”, respondeu o velho. “Fui torturado para dizer isso.”

O juiz disse que acusações de tortura tinham sido recusadas antes, naquele caso. Não poderiam ser incluídas novamente.

“Mas eles me torturaram!”, disse o velho. “Eles torturaram meu neto na minha frente. Esmagaram seus testículos e puseram